

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Editor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1,771

Terça-feira, 2 de Setembro de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração, Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão das Atalhas, 114

Toda a gente de bem deve comparecer hoje na sessão promovida pela U. S. O. contra as touradas

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

UMA OFENSA AO PROLETARIADO

Nem as oscilações do câmbio — que não têm sido sensíveis nestes últimos tempos — nem o preço da mão de obra justificam a aumento do preço do pão, que o ministro da Agricultura vai conceder à Moagem. E a vontade da Moagem, da omnipotente Moagem, a única que merece a atenção daquele ministro da república. A vontade do povo, as necessidades do povo, a miséria do povo não pesam na balança da Justiça, deste regime cujo rótulo é «do povo, pelo povo e para o povo»!

Se o proletariado quiser a sua vontade respeitada que lute e se imponha!

Os republicanos e a carestia da vida

Se há assunto em que mais redondamente se estatelassem os republicanos foi o da carestia da vida. Todas as suas promessas resultaram ilusórias.

Umas porque da sua realização resultaria uma ofensa directa aos interesses lúgubres, que afinal a burguesia republicana não pode deixar de defender. Outras porque, feitas sem nenhuma espécie de sinceridade, delas se esqueceram absolutamente.

A Moagem, a Finança, os Monopólios tudo isso elas prometiam arrasar, reduzir à obediência, nacionalizar em benefício de toda a população. Tudo afinal ficou como dantes, mantendo-se a mesma exploração com o assentimento dos governos e dos parlamentos, que têm mantido e continuado mantendo indefinidamente a mesma situação. Quem tinha uma posição privilegiada não se viu derrubado. Pelo contrário toda essa gente continua sendo uma força dentro da república e é dominante que tem conseguido absorver, colocando a república ao seu serviço.

Todas essas promessas de felicidade da população se desfizeram. Feitas em discursos inflamados perderam-se com o vento e os próprios que as proferiram nem delas se lembram.

Casas baratas. Quem as viu? Os bairros sociais interromperam-se merce duma campanha tendenciosa, na altura em que se pretendia constituir uma empresa construtora para os arrematar em praça.

Mas nem sequer se tentou fomentar a construção de casas económicas. Copia-se tudo do estrangeiro, mas não se copiou uma lei dos Estados Unidos que obriga as Companhias de seguros a empregar e utilizar os seus capitais em prédios urbanos que seriam obrigadas a construir. Não se ofereceram capitais da parte do capital a empreiteiros como se fez na mina. E agora, sem o problema se ter resolvido permitiu-se um aumento excessivo, com uma pena dos pobres dos senhores coitadinhos que pelo facto de

As cooperativas não podem realizar uma grande função porque, pela sua própria organização, estão reduzidas a uma ação muito secundária. Estão além disso sob o domínio dos armazémistas e dos fabricantes. Só fazendo a indústria e o comércio em grande poderiam fazer sentir a sua ação.

Para nós têm ainda o defeito de prenderem demasiado a atenção dos que a elas se dedicam, sendo elementos militantes que se perdem para outra actividade mais útil.

Mas para eles os republicanos eram proclamados como uma grande maravilha. Que fizeram por elas? Onde está o crédito de muitos milhares de contos para as desenvolver?

Até hoje só temos visto isto: as cooperativas que no tempo da monarquia estavam isentas de contribuição, estão a pagá-las como qualquer casa comercial. E agora, à face da lei do inquilinato, não fazem diferença de qualquer comerciante explorador.

As promessas dos republicanos...

NO SUL E SUESTE

UMA VIA SOBRE TRAVESSAS PODRES

Despreza-se um orçamento que só vantagens poderia trazer, demite-se um engenheiro competente e não se atende às condições duma via, que em quase todos os pontos oferece perigo ao trânsito dos comboios. Algumas coisas úteis em paralelo com os estragos a que «A Batalha» tem feito referência

Não menos atenção do que os outros serviços nos pode merecer o Serviço de Via e Obras, onde as insuficiências se acumulam tão grandemente que épocas tem havido que a estabilidade da linha é naquelas pontas bastante duvidosa.

Há secções onde o trânsito dos comboios se garante à custa de imensos sacrifícios por parte do

substituição de carris desde Amo- pleve atenção e foi posto de parte

ceiras a Saboia, renovação que

final, paralizou por falta de ver-

ba, não chegando a atingir o pon-

to que fora considerado indispensável.

Quando à frente do Serviço de Via e Obras se encontrava o en-

genheiro Neff Sobral, foi estuda-

do e elaborado um orçamento ge-

ral

paralelo

com os estragos a que «A Batalha» tem feito referência

travessas, porque o estado a que a via chegou, pode dum momento a outro ocasionar um desas-

tre e o público exigir que os res-

ponsáveis sejam chamados a ca-

mpañar

este artigo de dois aspectos

das oficinas metálicas que o en-

genheiro Sobral fez construir e

que atestam que ainda houve no

Sul e Sueste quem quisesse fazer

uma administração dirigindo com

competência e bôa vontade.

A formidável campanha de «A Batalha» tem causado assombro e indignação pelos grandes escândalos que tem revelado. Vários jornais lhe têm feito referência. Ontem o Diário de Lisboa publicou um suelo, que gostosamente transcrevemos:

«Os caminhos de ferro do Sul e Sueste, contra cujos serviços continuam a chegar-nos reclamações constantes, são, segundo nos informam, uma coisa que para aí se arrasta pouco menos do que fálica. O material que ainda circula está num estado que resvala pela indecência; a linha, se não está podre, porco lhe faltas; os «deficits» acumulam-se e a direcção impotente para dominar a situa-



A oficina de ferraria nas obras metálicas



Um aspecto das oficinas metálicas

suporar velocidades compatíveis com o serviço que é exigido a um rápido.

Portanto, o serviço de via e obras, tem muito também a analisar e constituir por si só um dos mais importantes dum redor ferroviário. Basta-nos por hoje acentuar essa importância e fazer acom-

ção, apenas se preocupa com uma coisa que parece a sua ideia fixar a recolha dos pontos do pessoal dos escritórios, mal dia a dia no rádio da S. A.

Alguns chefes de serviço, prestam-se a desempenhar o papel que os continuos competidores, resulta haver continuos que mais parecem chefes de serviço, e chefes de serviço que não chegam a valer um continuo.

O ministro da Agricultura, favorecendo os poderosos, pretende reduzir o povo à fome

PÃO CARO!

A SUPREMA AFRONTA!

ONDE ESTÁ A SOBERANIA POPULAR?

O ministro da Agricultura, sr. Tórres Garcia, tem uma preocupação suspeita: favorecer a Moagem. Parece que ao sentar-se no seu fauteuil ministerial já levava aquela ideia que o perseguiu como uma obsessão.

Sogndo se depreende das suas próprias declarações a Moagem não fez grande pressão, não lhe enviou, como costuma enviar aos outros ministros, um ultimatum irresistível. O sr. ministro da Agricultura é que entendeu ser

uma boa medida de administração pública aumentar o preço do pão, lançando a perturbação nos espíritos e a miséria nos lares.

Não sabemos se o sr. Tórres Garcia pretenderá, com qualquer gesto, mesmo o mais desleigante, mesmo o mais afrodisíaco para o povo que moureja, ver o seu nome estampado na História da república.

Não sabemos também se esta pressa de fazer subir o preço dum alimento precioso obedecerá a um

Contra as touradas!

E hoje que se realiza a grande sessão promovida pela U. S. O. de Lisboa

A União dos Sindicatos Operários de Lisboa promove hoje, pelas 21 horas, na sua sede, calçada do Combro, 38 A, 2.º, a ansiada sessão de protesto contra as corridas de touros.

Não se trata dum simples protesto contra os touros de morte. As touradas, mesmo quando rematam com a morte bárbara do animal, constituem um espectáculo degradante e desmoralizador para um povo que não tem pão nem escolas.

Combatê-las com energia significa dar vigor a uma reacção moral indispensável no meio putrido que cada vez mais e mais se vai fechando, como uma grade duma prisão, sobre a consciência do povo.

Desnorteado por espectáculos que só excitam tudo quanto de sanguinário existe na alma humana, o povo, embriagado por essas barbares cenas de sangue, apaixonado pela violência inutíl e prejudicial das corridas de touros, acaba por receber com um sorriso de imbecil desprezo as iniciativas de bondade e de altruismo que almas mais puras pretendam lançar no seu seio.

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 21 e meia horas, para tratar da questão do pão, e outros assun-

tos pendentes, devendo comparecer todos os delegados.

A política militar na Irlanda

LONDRES, 1. — O comandante das tropas britânicas no Ulster, ordenou os oficiais que se demitem das sociedades secretas de qualquer espécie, sob pena de demissão.

A tourada como todos os grandes excitantes — porque a tourada é um grande excitante dos nervos — require outros excitantes: o álcool, a prostituição, as pândegas desregadas.

Combatê-las é combater ao mesmo tempo uma série de vícios que reduzem o povo à mais triste miséria moral e mental.

A União dos Sindicatos Operários cumpre o seu dever chamando hoje o povo à sua sede a fim de ouvir a palavra dos delegados do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, Sociedade Protectora dos animais, Universidade Popular, Universidade Livre, Sociedade de Estudos Pedagógicos, Associação dos Professores de Portugal, União de Professorado Primário e Sociedade Naturista.

Na cadeia do Limoeiro

O que ali se passou no domingo

Alguns jornais de ontem relatam uns casos passados no domingo na cadeia do Limoeiro, afirmando que os presos por questões sociais provocaram e insultaram os soldados da guarda.

Vamos contar como os factos se passaram que são bem ao contrário do que afirmam o Diário de Notícias e outros jornais.

E' costume todos os dias às 10 e meia da manhã, ser rendida a guarda diária da masmorra. Ontem como de costume assim se fez.

Comandava a força da guarda que entrou de serviço o tenente sr. Horácio Gonçalves. Nada houve de anormal até a findar das visitas.

Porém, quando as visitas saíram e os presos, também como de costume, se despediam à janela dizendo-lhes adeus, uma sentinelha, a do pôrto 10 e que por sinal era o n.º 106, da 5.ª companhia, sem sequer avisar os presos que se encontravam à janela, disparou um tiro que por felicidade não atingiu pessoa alguma.

Protestaram os presos contra a atitude daquela sentinelha mas tudo se passaria por bem se não fosse um indivíduo que actualmente é guarda do Forte de Mousinho, ter apontado uma pistola para as janelas do grupo B no intuito evidente de alvejar a tiro os presos que ali se encontravam.

Foi neste momento que os protestos dos presos se tornaram mais violentos e indignados com a atitude de tal ferida.

Algumas praças da guarda saíram para dispersar a multidão de visitas que se acumulava em frente da cadeia, tendo pela sorte dos seus entes queridos cuja vida nesse momento estava em perigo. E dispersavam-nos brutalmente, isto sem que o comandante da força o pusesse impedir, como era vontade sua. Duas mulheres foram brutalmente agredidas por dois soldados da guarda. E a agressão só terminou quando o tenente sr. Horácio Gonçalves interveio.

A este senhor, à sua prudência, se deve o não termos agora algumas mortes de presos a lamentar, não obstante o tenente Guerra, da mesma guarda republicana mas que não estava de serviço, ter incitado alguém a que mandasse fazer algumas descargas contra os presos.

Daqui louvamos o tenente sr. Horácio Gonçalves pela sua prudente atitude e lhe damos a certeza de que estamos sempre prontos a louvar as boas ações que praticam os que envergam aquela farda, como prontos estamos a escalar-lizarmos os seus crimes.

Houve também alguns guardas que, em contraste com outros seus companheiros que mais pareciam feras à solta se portaram com a maior cordura.

SEÇÃO TELEGRÁFICA

Congresso Corticeiro

Uma sessão de propaganda em Sines

SINES, 31. - Reúniu há dias os operários corticeiros desta localidade para se ocuparem, especialmente, do 3.º congresso da indústria.

Depois de falecerem Rocha, Carrilho, J. Maria e João Machado, que salientaram a necessidade e vantagem de serem nomeados delegados ao congresso, fez uso da palavra Silvério dos Santos, secretário geral da Federação Corticeira, afirmando que Sines é uma das localidades que tem o seu nome gravado nas páginas do movimento sindical, e descreve a largos traços a necessidade da realização do congresso. Diz que o operariado corticeiro de Sines deve cotizar-se para que vá ao congresso um ou mais delegados, pois dessa reunião advirão sem dúvida maiores benefícios para a família corticeira, aconselhando a máxima união da classe agora dispersa devido, sem dúvida, ao conflito marítimo que há um ano se arrasta nesta localidade.

Referindo-se à fiscalização das corticas, diz que a classe deve nomear indivíduos com competência e que se imponham à consideração geral. Sobre as 8 horas de trabalho, alude às suas vantagens e às lutas que tem havido para se manter essa regrada.

A. Carrilho concorda com as palavras de Silvério dos Santos, propondo que a classe faça uma cotização especial.

Esta proposta é aprovada por unanimidade, sendo nomeado delegado ao congresso J. Francisco da Silva.

Nesta sessão foram também apreciados os trágicos acontecimentos de Sines, sendo lavrado um energético protesto contra o bárbaro procedimento da guarda republicana.

Foi também nomeada a nova direção, que ficou assim composta: presidente, A. Maia; 1.º secretário, J. Oliveira; 2.º secretário, F. M. da Silva; tesoureiro, M. Joaquim. Assembleia geral: 1.º secretário, Benevento; 2.º secretário, M. Parreira. Conselho fiscal: J. Gaudêncio, D. Santana e J. Roberto.

Ainda foi nomeada uma comissão para fiscalizar a escrita da Secção, que ficou constituída por F. da Silva, J. da Silva e Urbano.

6.967 PESSOAS VIRAM JÁ A MARAVILHOSA PEÇA O COMBOIO N.º 6-TEATRO APÓLO

Eden Teatro

Telefone N.º 3800

HOJE, ÀS 9 3/4 DA NOITE

Éxito recrudescente

A graciosa revista

Sorte Grande

com lindíssimos bailados

pela formosa e notável bailarina russa, da troupe Sascha Morgowa

ORIS LORAIN e BILL BAILEY

Espiridião desempenho de toda a Companhia OTELO DE CARVALHO

Estúpida gargalhada com ANTONIO GOMES (da Trindade) e AURELIO RIBEIRO, nos compadres da SORTE GRANDE.

Espectáculo atraentíssimo

inexcedível na animação e no entusiasmo.

TEATROS & CINEMAS

Notícias

Segue amanhã para as Caldas da Rainha a companhia Lucília Simões, onde, à noite, representará, no teatro Pinheiro Chagas, «As Fogueiras de São João», a qual, ali, nas noites seguintes, levará à cena as peças «A vinha do Senhor», «A castela» e a «Casa em Ordem».

— Com cinco brilhantes espetáculos nocturnos, uma «matinée» efectuada ontem e um concerto efectuado no sábado em récita dos artistas, terminou no domingo a sua tournée a Vigo a companhia de opereta Armando de Vasconcelos, que no teatro Odeon daquela cidade representou sucessivamente, com o maior dos sucessos, as peças: «Leiteira da Entre Arroios», «As Andorinhas», «Prima Ioglesia», «Última Valsa» e «Frasquita».

— No teatro Peninsular da Figueira da Foz estreou, hoje a companhia Maria Matos-Mendes de Carvalho que ali vai fazer, por contrato firmado, uma série de nove espetáculos com as peças «Inimigos», «A Sombra», «Malvadouca», «O Comissário de Polícia», «Compartimento para Senhoras» e «Madrinha de Charley».

— O pintor A. Henrique Santos Júnior quem está executando a decoração do proscénio do novo teatro São da Barca, de Santarém.

— A mortal peça de Pinheiro Chagas, «A Morgadina de Vallôr», que vai ser representada no teatro São Luís no próximo semana, com Palmira Bastos na protagonista, apresentar-se-á com cenários de Mergulhão e Eduardo Reis, filho.

Récitales

Um dos numerosos atrações da revista «Sorte Grande», em cena no Eden são os originalíssimos bailados executados pelas gentis e formosas bailarinas Orié Lorraine, da troupe Sascha Morgowa e Bill Bailey, os quais o público fez repetir entre o maior entusiasmo. Hoje, no Eden, volta à cena a «Sorte Grande», que tem numerosos esfusiantes de graca e verdadeiramente galantes, merecendo ser incluídos, entre os outros, «O Posto», «O Político e o Pelícano», «As sem casas», por Adelina Fernandes, «A caçadora de homens» por Luisa Durão, «A medida da moda» por Júlia de Assunção, «A tourist», por Deolinda Sial e muitos outros, sem esquecer «O Fado da Sorte Grande», por Ema de Oliveira e Hildebrê Santos, e que, sempre repetido, António Gomes, da Trindade, e Aurélio Ribeiro, mantêm a maior hilaridade, entre os espectadores, com os seus comentários, nos alegres papéis dos compadres da «Sorte Grande».

— Continua sendo verdadeiramente incomparável o êxito da revista «Revés», que ao teatro Maria Vitoria, do Avenida Parque, dá sucessivas e enormes encherias. Hoje, em duas sessões, repete-se a impagável revista, cujas numerosas atrações possuem o condão de surpreender os espectadores.

— O seguinte o programa do teatro Naciona: I hoja e amanhã efectuam-se os últimos espetáculos com a notável peça «Os Dois Garotos». Na próxima quinta-feira, para fazer uma série de quatro espetáculos apenas, representar-se-há a peça de Júlio Dantas «A Severe» e na próxima quinta-feira 10 primeira representação da farça em três actos. «O espelho dos maridos» traduzido de Carlos Ferreira e Henrique Roldão.

— «O combóio n.º 6», a empolgante peça cinematográfica actualmente em cena no Apolo, parece, na verdade, destinada a não mais ser tirada do cartaz, tal é o entusiasmo com que o público, que literalmente enche todas as noites aquele popular teatro, a recebe e a aplaude.

— A scena do descarrilamento, principalmente, é uma verdadeira obra prima de realidade, comovendo intensamente os espectadores.

Quanto ao desempenho, como temos acostumado, absolutamente correcto da parte de todos a companhia.

— «O combóio n.º 6» é, portanto, a mais atraente peça da actualidade.

— Alcançou o mais extraordinário agrado a estreia do novo quadro em conjunto «Bonecas» que o Foz ontem apresentou. Devido à sua encenação original, linda música e bela guarda-roupa, é número para uma longa permanência no cartaz, de estrela elegante saída.

O restante do programa pela diversidade dos números que o compõem e pela apresentação ininterrupta de 15 artistas de variedades, consegue ser o espetáculo mais alegre e artístico de Lisboa.

Consultas na rua do Mundo, 84, 2.º, das 14 às 16 horas.

A nova direção da Associação dos Trabalhadores de Imprensa, nomeada na última e agitada sessão a que fizemos referência há dias, toma amanhã, pelas 16 e meia horas, posse dos seus cargos.

Trabalhadores de Imprensa

A nova direção da Associação dos Trabalhadores de Imprensa, nomeada na última e agitada sessão a que fizemos referência há dias, toma amanhã, pelas 16 e meia horas, posse dos seus

cargos.

Ler o folhetim na 4.ª página

A BATALHA

Diário sindicalista

2.9.1924

Vida Sindical

U. S. O.

Para um assunto que interessa a direcção do Sindicato dos Manipuladores de Seda, convida-se a enviar um seu delegado à sede desta União.

COMUNICAÇÕES

UNIÃO TÉXTIL. — Na reunião da direcção foi resolvido convidar os membros do Conselho Fiscal a virem verificar as contas referentes ao 1.º semestre.

S. U. MOBILIÁRIO. — Comissão de melhoramentos. — É convocada a reunião hoje, pelas 18,30 horas, esta comissão, juntamente com o pessoal polidor do empreiteiro Luis Gomes, da oficina do sr. Marques Silva.

Trabalhadores do tráfego do porto de Lisboa. — Para tratar da formação de uma caixa de auxílio na doença e apreciação de outros assuntos que são também de máximo interesse para a classe, reúne hoje, a assembleia geral pelas 20 horas, devendo comparecer todos os seus componentes.

S. U. DA CONSTRUÇÃO CIVIL. — Seção dos serventes. — São convidados a comparecer hoje, pelas 21 horas, para efeito de colocação dos camaradas sócios e sem trabalho.

SINDICATOS

DA PROVÍNCIA

OPERÁRIOS CONFITEIROS DO PORTO. — Reúniu no sábado passado em assembleia geral este sindicato, tomando diversas resoluções, entre as quais manifestar a sua confiança aos camaradas Luis dos Santos e Alfredo da Costa e expulsar José Ribeiro Soares por traídos os principios associativos.

Atendendo à precária situação do camarada José Maria Fernandes, que se encontra impossibilitado de trabalhar, foi resolvido tirar uma subscrição em todas as casas, tendo o produto da fabrica da Confitearia Oliveira, atingido 137\$50, importância que já foi entregue.

Foi também apreciado o conflito suscitado entre a Companhia Portuguesa e Colónias e o pessoal da secção de bolachas e biscoitos, sendo resolvido continuar a dispensar toda a solidariedade ao mesmo.

FEDERAÇÃO METALÚRGICA. — Reúne amanhã o conselho federal, pelas 20,30 horas.

FEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES DO LIVRO E DO JORNAL. — Secretariado reúne hoje, pelas 18 horas.

ENCADERNADORES E ANEXOS. — Reúne hoje, pelas 20,30 horas, a direcção, pedindo-se a comparação de todos os componentes, assim como a comissão revisora de contas.

IMPRESSORES TIPOGRÁFICOS. — Reúne hoje, às 21 horas, a direcção deste sindicato.

CONDUTORES DE CARROÇAS. — Reúne hoje a Comissão Administrativa para assuntos de alta importância para a classe, pedindo-se a comparação de todos os seus componentes. Devem comparecer também todos os cobradores para se tratar de assuntos que interessam ao serviço de cobrança.

OPERÁRIOS CAIXOTEIROS. — Reúne hoje, às 21 horas, em assembleia geral para tratar de vários assuntos de interesse.

TODOS SÓS. — Reúne hoje para o dia 14 de outubro o passado ao rio Sôus, promovido pela Juventude Sindicalista, comunicando-se a todos os camaradas que podem repartir os estragos praticados por imbecis na campa de Alfredo Henrique Vilaça, bem assim como para o desenvolvimento da cobrança.

UNIÃO TEXTIL. — Reúne hoje a direcção para distribuição de expediente, sendo indispensável a comparação de todos os cobradores para bom andamento.

UNIÃO TEXTIL. — Reúne hoje a direcção para distribuição de expediente, sendo indispensável a comparação de todos os cobradores para bom andamento.

ENCADERNADORES E ANEXOS. — Reúne hoje a direcção para distribuição de expediente, sendo indispensável a comparação de todos os cobradores para bom andamento.

AS GREVES

Operários ferradores

Reúniu esta classe com grande concorrência, assistindo um delegado dos manipuladores de pão de Setúbal.

Fizeram uso da palavra diversos oradores, sendo todos unâniames em condenar a atitude dos industriais e ministro da Agricultura, que não querem que o trabalho diário seja um facto porque, segundo as suas afirmações, teriam que regular a hora de trabalho para satisfazer essa regula, quando é certo que tal aumento já foi decretado e o regime de trabalho ainda não se modificou.

A classe declara peremptoriamente que responsabilidade alguma tem nesse aumento, o que só é devido à ganância da classe dirigente.

Tomaram-se resoluções no sentido de se repararem os estragos praticados por imbecis na campa de Alfredo Henrique Vilaça, bem assim como para o desenvolvimento da cobrança.

AS GREVES

Operários ferradores

Os operários ferradores, reunidos ontem, e depois de ouvirem a exposição feita pela sua comissão de demarcação, resolveram retomar hoje o trabalho em consequência de ter chegado a um acordo, levando-se, em conta, os encargos e situação da indústria e bem como a situação dos operários ante a criseira da vida, satisfazendo-se assim, ambas as partes.

Aos assentes da BATALHA

Brinde

O depósito geral de lanifícios de F. Ribeiro & C. Iriãos faz descontos especiais, vendendo pelos mais limitados preços. Fornecedores das Cooperativas do Banco Nacional Ultramarino e daos Estabelecimentos Fabris do Ministério da Guerra

A sublevação estende-se à zona francesa.

RABAT, 1. — As tribus do Norte de Fez sublevaram-se tendo-se dada vários recontros entre as suas avançadas e as avançadas francesas. O movimento é feito de acordo com os rifenos que têm enviado várias «bíras» a combater na zona francesa. Esta-se organizando uma coluna de senegalezes e argelinos que irão batalhar aos rebeldes.

ESTÁ SE COMBATENDO COM ENCARNIÇAMENTO

MILILHA, 1. — Notícias recebidas da zona francesa dizem que os marroquinos cercam as posições de Hassi Guem, estando a travar-se violentos comb

Dos Livros e dos Autores

A BATALHA

na província
e nos arredores

Impressões e comentários sobre as obras "Mar Alto", peça em 3 actos e "Idade do Jazz-Band", por António Ferro

António Ferro, um dos escritores modernos mais discutidos, embora tal discussão não possa considerar-se crítica imparcial à sua obra, vem de publicar dois novos livros: "Mar Alto", peça em 3 actos e "A Idade do Jazz-Band", conférence literária realizada no Brasil.

Não sou dos que se prestam à ridícula comédia de considerar António Ferro um escritor invulgar, espécie de menor dum pretenso movimento modernista (2), nem dos que, sistemáticamente, o agridem, negando-lhe até as qualidades apreciáveis que ressaltam daquelas páginas que ele faz quando quer de parte a mesquinharia literária.

Mas é de se falar de si desmentindo o leitor.

Suponho medir, com exactidão, a sua inteligência; reconheço a ansia de indício que empresa, por vezes, suavidade e bizarria à sua estilística; e, com a sua desculpada cultura (na qual gera maioria de escritores e jornalistas) transparente na frivolidade dos seus motivos, na tessitura frágil dos seus assuntos, não posso deixar de considerar como um milagre de instinto, e, consequentemente, reveladora de apreciáveis tendências literárias, a sua obra.

É um escritor mógo, ainda agora no inicio da carreira, com qualidades e desventuras, mas, incontestavelmente, um escritor.

Em vez de pensar em dar uma grande obra ao público, cuida mais de um grande público à sua obra. Daí, excessivo egotismo, audácia destemperada, malabarismo de frases e pobres de ideias que, um dia que não vem tarde, jamais satisfará o seu orgulho de intelectual, e a sua sede de triunfo.

Mas através destas falhas e destes artifícios quase conscientes, que há-de passar, tem páginas dum fragante graciosa que se recordam com elogio: como algumas das suas crónicas de viagem e essas do seu belo livro sobre Fiume onde apenas o título da obra é mau, pela inferioríssima pretenciosidade.

Os seus livros agora publicados refletem todos aqueles defeitos e qualidades. E discutem os é, pelo menos, reconhecer à obra um mérito que justifique tal discussão.

"Mar Alto" é uma peça em 3 actos onde se movem as 3 vulgares figuras exigidas no drama de passionismo escabroso—a mulher, o marido e o amante; num plano secundário a meia figura dum filho pequenino e uma criada.

No 1.º acto, depois dum encantador diálogo entre mãe e filho, o principal motivo dramático é marcado na cena em que o marido declara à mulher que está perdido, porque roubou por amor dela—roubou um colar, queria-a ver bem adorada—e finalmente está a caminho da prisão, afogando-se porque a considera uma mulher digna, honesta, a quem deve viciar o convívio com um bicho.

A mulher, porém, traquiliiza-o; não há motivo para ela se humilhar. Ela não é tal, uma mulher digna. Tem um amante, o melhor amigo do marido, a quem se entregou para aquele. Ihe dar dinheiro para comprar vestidos, muitos e belos vestidos... para continuar, sempre, a ser bela ante o marido. Inventavam-se, insultavam-se, justificavam-se, mas como ela adora o marido... propõe a este o ídolo com o amante para que o seu dinheiro encobrir o roubo do colar, sustentar o luxo e manter a mesma vida.

No 2.º acto, já em casa do amante, como se este fosse o marido, recebe, na ausência daquele, o marido a quem se entregou confessando-se orgulhoso por o receber como quem recebe um amante.

Mas o amante regressa e o marido tem que sair dos braços dela, que lhe entrega dinheiro, entre beijos e saudades...

O amante desconfia; tem ciúmes; insulta-a; exige que ela se divorce para ser só dele. Ela recusa, e, após uma cena violenta, saca, porque só gosta do marido.

No 3.º acto, outra vez com o marido, vivem uma vida de inferno entre insultos e misérias, lancando-se, mutuamente, em raias e faltas e perverções.

Ele grita-lhe: «És um rameiro...»

Ela responde: «És um ladrão...»

Impossível viver assim—pensam e resolvem, depois de muito bem combinar, matar-se os dois. Quando vão pôr termo a tal existência, acanhada, ouvem dentro a voz do filho que os observa, e não têm força para procurar a morte. Ficam, «como dois naufragos no mar, à espera da onda que os levou»—frase esta com que o «pano» vai encerrando a peça.

Houve quem julgasse este motivo insuficiente para teatro, quem o considerasse imoral.

Ao contrário, eu suponho o motivo com todas as qualidades intensas e emotivas para teatralização; creio mesmo que todos os motivos dão teatro, apenas dependendo da maneira de os tratar, do estudo dos personagens, ambiente, ação, etc., etc.

Quanto à imoralidade, tal classificação é tan lugar-comum que nem já a desculpa qualquer pessoa dum vulgar craveteira mental.

Dentro dos moldes estabelecidos e assentes para a técnica teatral, como para o romance, crónica ou novela, não há moral nem imoral; o que há é obras bem feitas ou mal feitas.

Uma peça bem construída, com beleza e bom senso, seja qual for a modalidade de arte, é sempre moral; o resto voluntária confusão dos «cânticos» que, aliás, basta vez, se deliciam em revistas, pulhas e em originais estrangeiros do pior contrabando intelectual.

A peça de António Ferro é um excelente motivo e não é nada imoral; o que é é mal construída como obra de teatro que pretende ser.

Não tem, acção, cai na monotonia, com as suas trágicas mal estudiadas, não é agitada por qualquer ideia geniosa, por qualquer sôpro idealista, e está escrita numa linguagem que nem sempre é a que se exige para literatura teatral.

Vejamos estas últimas razões: Na peça, e até no prefácio pretende-se que o marido seja um artista, um oeta decadente e sonhador. Ora a ver se é que no desenrolar das scenas não

é um único indício ou documentação que inquéle esse homem como um artista, como um poeta, como um sonhador?

Fraco, sim, é que ele se revela, fraco, ao repugnar; e com tal fraqueza compreende-se que roubase para dar joias à mulher, que era o seu grande amor. Mas já não entendo como, se ele a amava até ao ponto de roubar para lhe oferecer um colar, transige em vez das suas bracinhos do amante, visitando-a em casa, desejando aceitando-lhe dinheiro, e tudo, só para que ele não vá parar a cadeia e para que ela continue a vestir bonitos e joias...

Mas de que serve a esse miserável farrapo—improvável hipótese de marido o não quer a cadeia, e sua mulher continua a usar lindos vestidos, se ela, afinal, passa a ser a mulher do outro?

Onde está a poesia e o sonho desse poeta, desse artista, sonhador?...

Quando o seu masculino egoísmo de homem, tan humano, tan ingénito mesmo nos falhados?

A mulher, essa, entrega-se ao amante... para ter joias, vestidos, e para obter o dinheiro preciso para encobrir o roubo do marido, a quem, mais do que a ninguém, adora...

Mas qual é a mulher—casada e com filho—que gosta, apaixonada, do seu homem se vai entregar a outro, para que este lhe compre joias e vestidos?

Nem mesmo para salvar o marido da prisão o caso se justifica—porque, em geral, a mulher prefere este último sacrifício; e nem o marido lhe consente ou aceita tal baixezas.

Em vez de pensar em dar uma grande obra ao público, cuida mais de um grande público à sua obra. Daí, excessivo egotismo, audácia destemperada, malabarismo de frases e pobres de ideias que, um dia que não vem tarde, jamais satisfará o seu orgulho de intelectual, e a sua sede de triunfo.

Mas através destas falhas e destes artifícios quase conscientes, que há-de passar, tem páginas dum fragante graciosa que se recordam com elogio: como algumas das suas crónicas de viagem e essas do seu belo livro sobre Fiume onde apenas o título da obra é mau, pela inferioríssima pretenciosidade.

Os seus livros agora publicados refletem todos aqueles defeitos e qualidades. E discutem os é, pelo menos, reconhecer à obra um mérito que justifique tal discussão.

"Mar Alto" é uma peça em 3 actos onde se movem as 3 vulgares figuras exigidas no drama de passionismo escabroso—a mulher, o marido e o amante; num plano secundário a meia figura dum filho pequenino e uma criada.

No 1.º acto, depois dum encantador diálogo entre mãe e filho, o principal motivo dramático é marcado na cena em que o marido declara à mulher que está perdido, porque roubou por amor dela—roubou um colar, queria-a ver bem adorada—e finalmente está a caminho da prisão, afogando-se porque a considera uma mulher digna, honesta, a quem deve viciar o convívio com um bicho.

A mulher, essa, entrega-se ao amante... para ter joias, vestidos, e para obter o dinheiro preciso para encobrir o roubo do marido, a quem, mais do que a ninguém, adora...

Nem mesmo para salvar o marido da prisão o caso se justifica—porque, em geral, a mulher prefere este último sacrifício; e nem o marido lhe consente ou aceita tal baixezas.

Em vez de pensar em dar uma grande obra ao público, cuida mais de um grande público à sua obra. Daí, excessivo egotismo, audácia destemperada, malabarismo de frases e pobres de ideias que, um dia que não vem tarde, jamais satisfará o seu orgulho de intelectual, e a sua sede de triunfo.

Mas através destas falhas e destes artifícios quase conscientes, que há-de passar, tem páginas dum fragante graciosa que se recordam com elogio: como algumas das suas crónicas de viagem e essas do seu belo livro sobre Fiume onde apenas o título da obra é mau, pela inferioríssima pretenciosidade.

Os seus livros agora publicados refletem todos aqueles defeitos e qualidades. E discutem os é, pelo menos, reconhecer à obra um mérito que justifique tal discussão.

"Mar Alto" é uma peça em 3 actos onde se movem as 3 vulgares figuras exigidas no drama de passionismo escabroso—a mulher, o marido e o amante; num plano secundário a meia figura dum filho pequenino e uma criada.

No 1.º acto, depois dum encantador diálogo entre mãe e filho, o principal motivo dramático é marcado na cena em que o marido declara à mulher que está perdido, porque roubou por amor dela—roubou um colar, queria-a ver bem adorada—e finalmente está a caminho da prisão, afogando-se porque a considera uma mulher digna, honesta, a quem deve viciar o convívio com um bicho.

A mulher, essa, entrega-se ao amante... para ter joias, vestidos, e para obter o dinheiro preciso para encobrir o roubo do marido, a quem, mais do que a ninguém, adora...

Nem mesmo para salvar o marido da prisão o caso se justifica—porque, em geral, a mulher prefere este último sacrifício; e nem o marido lhe consente ou aceita tal baixezas.

Em vez de pensar em dar uma grande obra ao público, cuida mais de um grande público à sua obra. Daí, excessivo egotismo, audácia destemperada, malabarismo de frases e pobres de ideias que, um dia que não vem tarde, jamais satisfará o seu orgulho de intelectual, e a sua sede de triunfo.

Mas através destas falhas e destes artifícios quase conscientes, que há-de passar, tem páginas dum fragante graciosa que se recordam com elogio: como algumas das suas crónicas de viagem e essas do seu belo livro sobre Fiume onde apenas o título da obra é mau, pela inferioríssima pretenciosidade.

Os seus livros agora publicados refletem todos aqueles defeitos e qualidades. E discutem os é, pelo menos, reconhecer à obra um mérito que justifique tal discussão.

"Mar Alto" é uma peça em 3 actos onde se movem as 3 vulgares figuras exigidas no drama de passionismo escabroso—a mulher, o marido e o amante; num plano secundário a meia figura dum filho pequenino e uma criada.

No 1.º acto, depois dum encantador diálogo entre mãe e filho, o principal motivo dramático é marcado na cena em que o marido declara à mulher que está perdido, porque roubou por amor dela—roubou um colar, queria-a ver bem adorada—e finalmente está a caminho da prisão, afogando-se porque a considera uma mulher digna, honesta, a quem deve viciar o convívio com um bicho.

A mulher, essa, entrega-se ao amante... para ter joias, vestidos, e para obter o dinheiro preciso para encobrir o roubo do marido, a quem, mais do que a ninguém, adora...

Nem mesmo para salvar o marido da prisão o caso se justifica—porque, em geral, a mulher prefere este último sacrifício; e nem o marido lhe consente ou aceita tal baixezas.

Em vez de pensar em dar uma grande obra ao público, cuida mais de um grande público à sua obra. Daí, excessivo egotismo, audácia destemperada, malabarismo de frases e pobres de ideias que, um dia que não vem tarde, jamais satisfará o seu orgulho de intelectual, e a sua sede de triunfo.

Mas através destas falhas e destes artifícios quase conscientes, que há-de passar, tem páginas dum fragante graciosa que se recordam com elogio: como algumas das suas crónicas de viagem e essas do seu belo livro sobre Fiume onde apenas o título da obra é mau, pela inferioríssima pretenciosidade.

Os seus livros agora publicados refletem todos aqueles defeitos e qualidades. E discutem os é, pelo menos, reconhecer à obra um mérito que justifique tal discussão.

"Mar Alto" é uma peça em 3 actos onde se movem as 3 vulgares figuras exigidas no drama de passionismo escabroso—a mulher, o marido e o amante; num plano secundário a meia figura dum filho pequenino e uma criada.

No 1.º acto, depois dum encantador diálogo entre mãe e filho, o principal motivo dramático é marcado na cena em que o marido declara à mulher que está perdido, porque roubou por amor dela—roubou um colar, queria-a ver bem adorada—e finalmente está a caminho da prisão, afogando-se porque a considera uma mulher digna, honesta, a quem deve viciar o convívio com um bicho.

A mulher, essa, entrega-se ao amante... para ter joias, vestidos, e para obter o dinheiro preciso para encobrir o roubo do marido, a quem, mais do que a ninguém, adora...

Nem mesmo para salvar o marido da prisão o caso se justifica—porque, em geral, a mulher prefere este último sacrifício; e nem o marido lhe consente ou aceita tal baixezas.

Em vez de pensar em dar uma grande obra ao público, cuida mais de um grande público à sua obra. Daí, excessivo egotismo, audácia destemperada, malabarismo de frases e pobres de ideias que, um dia que não vem tarde, jamais satisfará o seu orgulho de intelectual, e a sua sede de triunfo.

Mas através destas falhas e destes artifícios quase conscientes, que há-de passar, tem páginas dum fragante graciosa que se recordam com elogio: como algumas das suas crónicas de viagem e essas do seu belo livro sobre Fiume onde apenas o título da obra é mau, pela inferioríssima pretenciosidade.

Os seus livros agora publicados refletem todos aqueles defeitos e qualidades. E discutem os é, pelo menos, reconhecer à obra um mérito que justifique tal discussão.

"Mar Alto" é uma peça em 3 actos onde se movem as 3 vulgares figuras exigidas no drama de passionismo escabroso—a mulher, o marido e o amante; num plano secundário a meia figura dum filho pequenino e uma criada.

No 1.º acto, depois dum encantador diálogo entre mãe e filho, o principal motivo dramático é marcado na cena em que o marido declara à mulher que está perdido, porque roubou por amor dela—roubou um colar, queria-a ver bem adorada—e finalmente está a caminho da prisão, afogando-se porque a considera uma mulher digna, honesta, a quem deve viciar o convívio com um bicho.

A mulher, essa, entrega-se ao amante... para ter joias, vestidos, e para obter o dinheiro preciso para encobrir o roubo do marido, a quem, mais do que a ninguém, adora...

Nem mesmo para salvar o marido da prisão o caso se justifica—porque, em geral, a mulher prefere este último sacrifício; e nem o marido lhe consente ou aceita tal baixezas.

Em vez de pensar em dar uma grande obra ao público, cuida mais de um grande público à sua obra. Daí, excessivo egotismo, audácia destemperada, malabarismo de frases e pobres de ideias que, um dia que não vem tarde, jamais satisfará o seu orgulho de intelectual, e a sua sede de triunfo.

Mas através destas falhas e destes artifícios quase conscientes, que há-de passar, tem páginas dum fragante graciosa que se recordam com elogio: como algumas das suas crónicas de viagem e essas do seu belo livro sobre Fiume onde apenas o título da obra é mau, pela inferioríssima pretenciosidade.

Os seus livros agora publicados refletem todos aqueles defeitos e qualidades. E discutem os é, pelo menos, reconhecer à obra um mérito que justifique tal discussão.

"Mar Alto" é uma peça em 3 actos onde se movem as 3 vulgares figuras exigidas no drama de passionismo escabroso—a mulher, o marido e o amante; num plano secundário a meia figura dum filho pequenino e uma criada.

No 1.º acto, depois dum encantador diálogo entre mãe e filho, o principal motivo dramático é marcado na cena em que o marido declara à mulher que está perdido, porque roubou por amor dela—roubou um colar, queria-a ver bem adorada—e finalmente está

CAPÍTULO II

O MERCADOR DE ESCRAVOS

«Viva o que gosta dos frances! que Cristo serve o poder deles! que alumie o seu chefe da divina graça, que proteja o exército, que fortifique a fé, que conceda paz e felicidade aqueles que os governam sob os auspícios de Nosso Senhor Jesus Cristo!»

— A fé de velho Vagro, este preâmbulo católico da lei sálica vem sempre à ideia quando se trata dos reis frances ou das suas rainhas. Entremos no covil de Brunehaut, esplêndido covil! não rústico como o do conde de Néroweg, vasto burgo que nos outros da Valgravia vimos tão satisfeitos reduzir a cinzas! não, esta rainha tem melhor gosto; uma das suas paixões é a arquitetura; esta nobre mulher gosta das artes antigas da Grécia e da Itália; sim, gosta das artes, deleite das almas bem formadas. Reparem para o magnífico castelo que ela mandou construir em Châlons, no Saône, capital da Borgonha; os outros castelos que possui, mesmo e de Bourches, não têm comparação com a sua habitação real, da qual os jardins magníficos se estende até às margens do Saône, palácio ao mesmo tempo esplêndido e guerreiro, porque nestes tempos de batalhas contínuas, os reis e os senhores tortificam-se cada vez mais nos seus covis!

O palácio de Brunehaut é cercado de grossas muralhas, e flanqueado de torres massivas; tem uma única entrada, abobada profunda, fechada nas duas extremidades com enormes portas reforçadas de barras de ferro. Ali vigiam de dia e de noite os guerreiros de Brunehaut, sempre armados; nos patios interiores en-

contram-se outros edifícios para grande número de cavaleiros e peões. As salas do palácio são imensas, têm o chão de mármore ou de mosaico e são enriquecidas de colunas de jaspe, de porfiro e de alabastro oriental com capitéis de bronze dourado; estas riquezas de arquitetura, primores da arte, roubadas aos templos e aos palácios da Galia, foram transportados para o edifício as costas de escravos e em carros. Estas vastas salas ornadas de móveis de marfim, de prata ou de ouro maciços, de estátuas pagás de raro trabalho, de vasos preciosos e de tripodes, precedem o aposento particular de Brunehaut... O dia começou há pouco a romper, e já aquelas imensas salas estão cheias de escravos ao serviço da rainha, de oficiais das suas tropas, de altos dignitários da sua casa, camaristas, secessões, escudeiros, mordomos e condestáveis, que vão receber as ordens de sua ama e senhora.

Contíguo ao quarto, onde ordinariamente costuma estar Brunehaut, há uma sala redonda, que forma o interior de uma das torres do palácio; nas paredes destas casas há três portas; uma conduz à sala onde estão os oficiais do palácio, a outra ao quarto de cama de Brunehaut; a terceira que não é mais que um corredor, dá para uma escada de caracol aberta na parede. Esta sala está mobilada com sumptuosidade; em cima dum mesa, coberta com um rico pano bordado, estão colocadas folhas de pergaminho preparado para escrever, bem como um grande cofre de ouro, cravejado de pedras preciosas. Em torno da mesa estão colocados assentos, cobertos de almofadas de fazenda encarnada. Vários fustes de colunas servem de pedestalas e vasos de jaspe, de ouro ou de bronze de Corinto, mais precioso do que o ouro ou o alabastro côn de rosa. Sobre um pedestal de verde antigo, assenta um grupo de mármores de Paros de um trabalho delicado, representando o amor, pagão acariciando Venus. Perto deste grupo, duas figuras de bronze esverdeado pelos séculos, representando a obscura imagem de uma ninfa. Entre estas obras primorosas da arte pagã, um quadro pintado em madeira, representa o Menino Jesus e São

João Baptista. Este quadro religioso indica que Brunehaut é uma fervorosa católica...; porventura não sustenta ela correspondência regular com o papa de Roma, o piedoso Gregório, que não tem bençãos suficientes para prodigalizar a essa santo filha da Igreja! e mais longe, naquele bufete de marfim, que rica não é aquela coleção de medalhas romanas e gaulezas de prata e ouro? Entre elas lá se divisa uma de bronze, a única que ali se encontra deste metal... Que figura representa?

Que! aqui! neste lugar! esse semblante augusto e venerado?

Ah! se o Deus dos católicos quer fazer um milagre nenhuma ocasião se lhe proporcionou mais oportuna, nem mais solene para isso, e bem depressa se o Senhor quer aterrizar os maus, aquela efígie de bronze deverá, oh! prodigo assustador! estremecer de horror e de espanto!

Uma mulher velha, ricamente vestida, e de fisionomia sardônica e astuciosa, saiu do quarto de Brunehaut e entrou na sala da torre. Esta mulher de nobre raça francesa, é Chrotechilda, confidente há muitos anos dos crimes e das devassidões da rainha; pegou numa campainha e tocou. No mesmo momento apareceu na porta que dá para a escada aberta na parede outra mulher cujo traje indica pertencer a uma classe inferior.

Ouvi tocar, nobre senhora Chrotechilda, aqui estou.

— Samuel, o mercador de escravos, já veio?

— Há uma hora que está esperando na sala baixa com duas raparigas e um velho de bárbas brancas compridas.

— Quem é o velho?

— Ignoro, minha senhora, provavelmente é algum escravo que o judeu leva para outra parte.

— Dize a Samuel que traga no mesmo instante as duas raparigas.

A velha desapareceu e quase no mesmo momento saiu do quarto Brunehaut; esta rainha mostra ter ses-

enta e seis anos de idade; notam-se-lhe vestígios de uma beleza extraordinária em suas feições menos desfiguradas pelos anos do que pelas devassidões e pelo ardor devorante do ódio ou da ambição. O seu rosto pálido e enrugado parece iluminado pelo brilho escuro de dois grandes olhos, profundamente encovados, pretos como as suas compridas sobrancelhas, porque só o cabelo se lhe fez branco: fronte de bronze, lábios impassíveis, olhar profundo, cabeça alta e porte arrogante, porque a sua estatura se conserva direita e esbelta, começa a escutar e diz a Chrotechilda:

— E' o mercador de escravos que traz as duas raparigas.

— Que entre... que entre...

— A quem quer a senhora dar de presente aquelas escravas?

— Sabê-lo-hás depois... Mas desejo quanto antes examinar essas criaturas; a escolha é importante.

— Senhora, aqui está Samuel.

O traficante de carne galesa, judeu de origem, como a maior parte dos que se entregavam àquele negócio, entrou na sala, seguido das duas escravas que trazia consigo; vinham com os rostos cobertos de compridos véus brancos, bastante transparentes para poderem ver onde andavam.

— Ilustre rainha, disse o judeu pondo um joelho em terra logo que chegou à porta e inclinando a cabeça quase até ao chão, estou às vossas ordens; aqui estão estas jovens escravas, verdadeiros tesouros de formosura, de magnetismo, de graças, de gentileza e sobretudo de vivacidade. Vossa Excelência sabe que o velho Samuel não tem senão uma qualidade... a de ser homem honrado...

— Em pé, em pé! disse Brunehaut dirigindo-se às duas escravas que na presença da rainha terrível tinham ajoelhado; assim como o mercador no limiar da porta; em pé, raparigas, e tirem os véus.

As duas escravas apressaram-se em obedecer à rainha; o judeu para dar maior valor à sua mercadoria,

IMPORTANTE

SEGURO MARITIMOS

«A MUNDIAL» participa a todos os seus clientes que celebraram contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes.

Dirigir-se à



A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital integralmente realizado, Esc. 500.000.000 — Reservas, Esc. 743.051.630,9

SEDE EM LISBOA

DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95 — Tel. 3891

R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

Valério, Lopes & Ferreira, L.

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fundos para caldeiras, garnições para móveis

Chapa ferro preto

— e zincada —

Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio, balanças, pesos e medidas, cravo para farrador, serras circulares e de fita, etc.

TELE: fone. 3930, N.

gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86 — LISBOA

CALÇADO

A Sapataria do Calhaz

a 25\$00 grande lote de sapatos em verniz, abotinados, salto Luis XV.

a 75\$00 botas em cal, preto, fórmula da moda, 2 gáspeas e 2 solas corridas, cujo valor é de 100\$00.

a 30\$00 sapatos de verniz abotinados e c. IX, para senhora, cujo valor é de 60\$00.

a 55\$00 sapatos de calf côn da moda, cujo valor é de 80\$00.

a 59\$50 grande lote de botas, salto de pau e de sola.

Desde 6\$00 sapatos para criança

FOOT-BALL

Esta casa, vende botas e bolas, muito mais

baratas que qualquer outra casa

33, LARGO DO CALHARIZ, 33

PÍLULAS MATA SEZÕES

São as mais conhecidas e acreditadas em toda a parte do país.

Têm já 35 anos de bom êxito,

são elas que curam rapidamente

intermitentes, palústres, biliárias,

quartas e dores de cabeça.

Abrem o apetite a comido.

Dão-se 20\$00, ou restitui-se a importância

se não fizerem efeito

Cumpram à rica a indicação que vai dentro da caixa

Grandes descontos aos revendedores

Depósito geral: 38, Rua João Afonso, 42 — SANTARÉM

João Mendes Ribeiro Martins



MOVEIS E ESTOFOS

FREDERICO FERREIRA

ESTOFADOR e DECORADOR PROFISSIONAL

Mobilias de casa de jantar, quarto, sala e escritório. Encarrega-se de todo o trabalho concernente à sua arte, pelo sistema inglês, assim como olear e ornamentar casas completas

Antigo fabricante de MAPLES em todos os gêneros

Rua Passos Manuel, 41 e 43 — Telef. N. 1359

Conselho Técnico da Construção Civil

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os estilos, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármores de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Para conseguir cabeleiras assim



Perfumaria Mendonça

— 43, CALÇADA DO COMBRO, 47 LISBOA

A's fábricas de calçado e armazens de cabedais

PESSOA séria, conhecida do artigo e suas referências, encarrega-se de vendas à comissão, tem escritório e armazém próprio, para calçado e cabedais. (Informações), Rua Arco Marquês Alegrete, 78, 1.º. Aí estabelece-se sócio capitalista e conhecedor.

Ao Povo!

Fábrico manual de calçado e polainas

ENCARREGA-SE de todos os trabalhos referentes à arte; preços convidativos, descontos aos revendedores. Félix Santos Marques — Rua Arco Marquês de Alegrete, 78, 1.º. Aceita-se sócio capitalista e conhecedor.

Não confundir, primeira casa Fraga, subindo a Rua da Palma.

FÁBRICA de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C. TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 e 19

TELEF. C. 1244 — LISBOA

A MULHER DE LUTO (EM VERSO) por GOMES LEAL

Preço 20\$00, pelo correio registado 22

Pedidos à Administração de A Batalha

Leiam "O Suplemento de A BATALHA,"

Alfaiataria

CAMPOS, PALMA, L. da

Fazendas nacionais e estrangeiras. Bom corte e esmerado acabamento pelos últimos fúgurinos.

FATOS A FEITO

DESENHO 180\$00

Rua do Registo Civil, 9 A

(AO INTENDENTE)

OURO

muito mais Barato

Grande sortimento de cordões, correntes e mais objectos de ouro

Só vende Barato

A OURIVESARIA

Coimbra & Moura

Rua S. Paulo, 186 LISBOA

(Próximo à Casa da Moeda)